



*Imagem de capa:
Eu, a Árvore,*
ilustração
de Joel Marteleira.



Bardos Celtas e Trovadores Medievos — Buscadores do Ocidente

ALEXANDRE GABRIEL



O Oráculo do Monge

NUNO FERREIRA GONÇALVES



Da Abelha ao Homem: o Hidromel — Uma bebida ritualística

MELISSA BOËCHAT



Sob o Manto de Airmid — Cura, Saúde, Plenitude

FÁBIO BARBOSA



Às Portas de Samhain

ANA SIMÕES



No Bosque Sagrado

JOEL MARTELEIRA

Índice



Rubricas

Eisteddfod	20
Almanaque	24
Tríade	27

Bardos Celtas e Trovadores Medievos — Buscadores do Ocidente

ALEXANDRE GABRIEL

APESAR DA FORTE INFLUÊNCIA cristã, o *bardismo* sobreviveu à implantação da Nova Religião nas ilhas britânicas, adaptando a sua forma exterior, mas perpetuando antigas tradições poéticas, musicais e iniciáticas (ainda que de formas mais “discretas”), nomeadamente no País de Gales, na Escócia e na Irlanda (onde aqui os bardos passaram a ser conhecidos sob a denominação de *fili / filidh*), pois existem registos que nos atestam a existência de colégios bárdicos até pleno séc. XVIII.

É igualmente possível encontrarmos ecos da antiga tradição bárdica na Europa continental, embora com um carácter velado; para

tal lembremo-nos dos *troubadours*¹ e *trouvères*² gálicos e dos trovadores e troveiros portugueses. A própria palavra “tro-badour” pode ter uma raiz oculta proveniente da palavra céltica *bard*, dada a extraordinária semelhança etimológica. Mas a semelhança entre o trovador e o bardo não se queda por aí, nem pela óbvia continuidade da sua função enquanto músicos, poetas, professores e guardiões da memória do povo. Uma outra leitura acerca do significado da palavra trovador leva-nos a considerá-la como uma alusão à própria *Busca* ou *Demanda* espiritual, já que o verbo *trouver*, em francês, significa “procurar”. O trovador, assim como o bardo, seria “aquele que busca”.

¹ Os *trouvadores* primevos, originários do sul da França actual, da região do Languedoc.

² Os *troveiros* posteriores, cuja expansão parte do norte do território francês, resultante do crescente poderio aí existente sobre o sul. Tal imposição da cultura “do norte” conduziu, por exemplo, no séc. XIII à “Cruzada contra os Albigenses” na região da Occitânia, que aí praticavam uma forma de cristianismo considerada como uma heresia pela Igreja prepotente.



EM CIMA: gravura retirada de uma publicação da Ancient Order of Druids

À DIREITA: ilustração de músicos medievais nas Cantigas de Santa Maria



A Busca foi imortalizada na Tradição Ocidental durante a Idade Média com a saga literária da Demanda do Graal, primeiro por Chrétien de Troyes, depois por Wolfram von Eschenbach, entre o séculos XII e XIII. Foi igualmente neste período que se destacou na Europa a Ordem dos Cavaleiros do Templo, que foi abruptamente asfixiada no primeiro quartel do séc. XIV pela ganância do rei de França, Filipe, o Belo, e do Papa Clemente V. Segundo a Tradição, os templários foram herdeiros de tradições mais antigas, nomeadamente da tradição céltico-druidica, perpetuando esta sabedoria entre os cavaleiros Iniciados. É também bastante provável que a origem do Graal esteja nas lendas celtas relativas ao caldeirão ou à taça mágica, como encontramos na história de Ceridwen e Taliesin, no Caldeirão do deus Dagda, entre tantas outras. Vejamos o que nos diz S. Bernardo de Claraval, o “padroeiro” e

impulsionador destes monges guerreiros no início do séc. XII:

“Acredita em mim, aprenderás mais lições nos bosques do que nos livros. As árvores e as pedras ensinar-te-ão aquilo que não poderás aprender dos mestres.”

Esta clara referência, em pleno séc. XII, seria o suficiente para alguém ser considerado herético! Trata-se de um claro apelo à Natureza, ao Bosque, ao mundo não corrompido por mão humana. Séculos mais tarde o grande místico Louis Claude de Saint-Martin, na sua obra *O Ministério do Homem-Espírito*, dir-nos-á igualmente:

“Já falei o suficiente sobre os livros, dizendo a este respeito que o homem era o único livro escrito pela mão de Deus; que todos os outros livros que nos chegaram foram encomendados por Deus,



Figura 1 *Tholos do Monge, Serra de Sintra*

O Oráculo do Monge

NUNO FERREIRA GONÇALVES

A PESAR DE O FENÓMENO MEGALÍTICO em Sintra não ser tão abundante quanto noutros lugares do território nacional, ele não deixa de ser tanto ou mais assinalável pelas especificidades geosóficas em que temos insistido ao longo das nossas dissertações dedicadas ao esoterismo sintriano. Fazendo jus a essa íntima convicção, dedicámos algumas palavras ao dracontia kuratiano por excelência, erguido no sítio místico e altaneiro de Adrenunes (vide revista OPHIUSA nº 4 de Novembro de 2017, pp. 11, 12, 13). Do ponto de vista arqueológico, existem outros monumentos na região mercedores de referência, mas é nos píncaros da serra sagrada que devemos buscar os aspectos mais inauditos do fenómeno. Adrenunes, apesar de incomparável, não é um caso isolado. Ombreia com esse dracontia um outro sítio no Alto

do Monge, de características absolutamente opostas, mas igualmente sugestivas.

Após repetidas visitas informais, regressámos a esse platô altaneiro da cordilheira sintriana no passado dia 1 de Junho com a intenção de depositarmos sobre o referido sacrário megalítico um olhar analítico e profundo. Fomos recebidos ‘com pompa e circunstância’ pela majestosa ave de rapina que domina os céus sintrenses, a Águia de Bonelli, de porte imponente e silhueta áurea, que, sobrevoando as imediações do nosso destino, nos acalentou a esperança de uma colheita sapiencial digna de dissertação. A aparição súbita e inesperada da ave jupiteriana enfatizou, como nunca, a presença do tóteme caprichosamente esculpido no granito que mais parece alçar voo em direcção ao alvo da nossa presente indagação. Efetivamente, a meia encosta do pico serrano onde repousa o Dracontia do Monge, uma águia pétrea surpreende-nos do lado direito, como que indicando o caminho para o santuário ancestral (vide figura 2).

O simbolismo demiúrgico implícito no tabernáculo evoca, tal como veremos, a égide saturnina do dragão. A águia, por sua vez, simboliza a égide espiritual de Júpiter. O perfeito equilíbrio entre essas duas forças (matéria e espírito, energia e consciência, plasmação e ideação, tempo e eternidade,



respectivamente) embandeira, desde tempos imemoriais, a demanda dos iniciados.

Lembramos que o móbile das nossas investigações não se enquadra nos desideratos científicos convencionais. Os levantamentos arqueológicos dos fenómenos que estudamos estão a cargo dos especialistas na matéria e são de extrema utilidade para o trabalho que nos propomos desenvolver, mas estamos cientes de que a metodologia positivista da Academia incide estritamente na análise sensível e objectiva dos fenómenos. A nós compete-nos cavar mais fundo e procurar transpor as fronteiras do aparente para penetrar no âmago oculto das coisas. Assim, face à visão redutora de ocorrências como a que ora nos propomos estudar, em que a antiguidade e o propósito de tabernáculos ancestrais são vistos à lupa de uma concepção misantrópica do género humano – qual besta colectiva racional agarrada a hipocrisias morais para não naufragar, além de concebida como que absolutamente desprovida de qualquer centelha transcendente –, recorremos ao legado áureo da tradição-sabedoria, à sóbria dedução e à relação empírica que estabelecemos com os mistérios através do nosso percurso iniciático para contrariar a tendencial insipidez do pensamento científico hodierno.

Vindos de Sintra, ao chegarmos ao entroncamento de onde se acede ao Convento dos Capuchos, deparamo-nos com uma

Figura 2

florestal de terra batida. É caminho extenso e íngreme, mas que vale a pena trilhar, pois conduz-nos a um dos picos da serra sagrada, não sendo já novidade para ninguém que os pináculos das cordilheiras místicas do mundo sinalizam os respectivos pontos de máxima incidência sinérgica. À distância de dez passos da pirâmide geodésica que sobranceia o morro verdejante, indicando a altitude de 488m, jazem os vestígios de um santuário megalítico que pela localização e características é conhecido por Tholos do Monge.

Da estrutura integral pouco se pode surpreender actualmente, mas de acordo com o levantamento levado a efeito nos anos 70 do século XIX pelo renomado geólogo português, Carlos Ribeiro, o monumento compreendia um vestíbulo de forma irregular, hoje praticamente irreconhecível. Igualmente, sem essa preciosa descrição, dificilmente surpreenderíamos o estreito corredor de cerca de um metro de comprimento que estabelecia o acesso entre o referido vestíbulo e a câmara axial do tabernáculo, a qual, afortunadamente, mantém perfeitamente detectável a traça original. Esta cabeça do sacrário (ou coração do sacrário, se o prezado leitor preferir) apresenta planta circular, donde o epíteto grego *tholos*.

É lícito deduzir que os *tholoi* (plural de *tholos*) pré-históricos sejam uma espécie de reminiscência rudimentar do cânone templário atlante. Pelo contrário, os *tholoi* da Grécia Antiga, como, por exemplo, o de Delfos, são reminiscências sofisticadas dessa cultura mistagógica antediluviana. Mas em ambos os casos detectamos uma intencionalidade oracular, na razão das propriedades divinatórias das pedras quando canonicamente ordenadas e magnetizadas.